

Artigos Originais

Diretrizes de (con)federações nacionais para o desenvolvimento de treinadores de handebol em uma perspectiva de longo prazo

National (con)federations guidelines for the handball coaches development in the long-term overview

Directrices de las (con)federaciones nacionales para el desarrollo de entrenadores de balonmano en una perspectiva de largo plazo



Bruno Vinicius Araújo de Franceschi

Universidade de São Paulo (USP)/Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP), Ribeirão Preto, SP, Brasil
e-mail: brunofranceschi@usp.br



Rafael Pombo Menezes

Universidade de São Paulo (USP)/Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP), Ribeirão Preto, SP, Brasil
e-mail: rafaelpombo@usp.br

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo identificar e analisar as diretrizes de formação de treinadores de handebol em países que alcançaram resultados expressivos no contexto internacional nos últimos anos. Trata-se de uma pesquisa documental, realizada entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021. Os dados foram extraídos dos endereços eletrônicos oficiais das respectivas (con)federações nacionais, por um instrumento elaborado pelos autores e, posteriormente, foram analisados por meio da análise temática. Os achados denotam o envolvimento das (con)federações na formação dos treinadores, que, por sua vez, apresentou características padroniza-

das e hierarquizadas, proporcionando diferentes níveis de treinadores, relacionados aos diversos contextos de atuação da modalidade.

Palavras-chave: esporte; formação continuada; programa de formação.

Abstract: This study aimed at identifying and analyzing handball coaches' development guidelines in countries that got significant results in the international background in the last few years. It's a documental research performed between december 2020 and january 2021. The data was collected from the official websites of the respective national (con)federations using an instrument designed by the authors. It was analyzed through thematic analysis. The findings denote the engagement of the (con)federations in the coaches' development, which presented standardized and hierarchical characteristics, providing different levels of coaches for each of the related fields of handball.

Keywords: sport; continuing education; training program.

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo identificar y analizar las directrices de la formación de entrenadores de balonmano en naciones que lograron resultados expresivos en contexto internacional en los últimos años. Se trata de una investigación documental realizada entre diciembre de 2020 y enero de 2021. Los datos fueron obtenidos de las direcciones electrónicas oficiales de las (con)federaciones utilizando una herramienta confeccionada por los autores y después fue analizado mediante análisis temática. Los hallazgos denotan la participación de las (con)federaciones en la formación de entrenadores que, por su vez, presentó características estandarizadas y jerarquizadas proporcionando distintos grados de entrenador para cada ámbito de actuación en lo balonmano.

Palabras clave: deporte; educación continua; programa de formación.

Submetido em: 2022-11-18

Aceito em: 2023-01-17

Introdução

O esporte, em seu caráter plural e heterogêneo (MARQUES, 2015), manifesta-se em diversos campos da sociedade, com grande representatividade no campo cultural contemporâneo, como espetáculo esportivo e meio de prática esportiva (GARGANTA, 1998). Nesse contexto esportivo, há importantes protagonistas, dentre os quais o treinador¹ se mostra como um dos principais protagonistas no processo de treinamento, pois é capaz de influenciar positiva ou negativamente as experiências dos praticantes (LEFEBVRE *et al.*, 2016).

Diante do cenário complexo no qual o treinador está inserido, sua formação é objeto de estudo consolidado na literatura científica (CALLARY *et al.*, 2014; LEFEBVRE *et al.*, 2016; RESENDE; SEQUEIRA; SARMENTO, 2016; JI *et al.*, 2021), com destaque para o interesse dos pesquisadores internacionais frente ao aprimoramento desses programas de formação (CIAMPOLINI *et al.*, 2019). Para que haja uma intervenção positiva, os programas voltados à formação e certificação de treinadores devem possibilitar o estabelecimento de uma identidade junto ao sistema esportivo no qual está inserido. Sua implementação determina os requisitos para acessar o *status* de treinador e cumpre um papel norteador no desenvolvimento da carreira profissional nos diferentes contextos de atuação (NASH; SPROULE, 2009).

Os programas visam a aprimorar as competências dos treinadores e usualmente são elaborados no intuito de desenvolvê-los em seu contexto específico, que, por vezes, desconsideram a complexidade de suas tarefas, que requerem mais do que apenas o conhecimento específico da modalidade (LEFEBVRE *et al.*, 2016; MACLEAN; LORIMER, 2016; GALATTI *et al.*, 2019). No contexto da formação esportiva, por exemplo, o treinador possui responsabilidades que vão além da natureza técnica e tática específica, e também direcionam-se para o processo de construção social,

¹ Neste estudo, serão utilizados termos como “treinadores” e “jogadores” no gênero masculino, apenas pelo sentido gramatical. Destacamos o respeito, a importância e as insubstituíveis contribuições das mulheres para o desenvolvimento do esporte no Brasil, bem como seu papel de protagonismo nesse cenário.

de desenvolvimento do caráter e da personalidade dos atletas (ANTUNES; SOARES; RODRIGUES, 2017).

Como consequência da complexidade que envolve a atuação profissional dos treinadores, Milistetd (2015) reforçou a necessidade de entender como esses aprendem a ser treinadores, e sustenta que a aprendizagem desses ocorre de maneira particular (MILISTETD, 2021). Nelson, Cushion e Potrac (2006) destacam que a aprendizagem pode ser acessada por meio de três contextos distintos: formal, não-formal e/ou informal. A aprendizagem formal apresenta caráter hierarquizado (com níveis de complexidade distribuídos verticalmente, ao longo do processo), organizado cronologicamente, obedece a uma estrutura curricular padronizada, frequência obrigatória, pré-requisitos e emite certificação. A aprendizagem não-formal se assemelha à anterior, porém destina-se a subgrupos específicos da população como uma fonte alternativa à aprendizagem formal, como é o caso de *workshops*, seminários e afins, destinados a subgrupos específicos, ao passo que a aprendizagem informal reúne as demais experiências ao longo da vida.

No que diz respeito à estrutura dos programas formativos, estes são comumente promovidos por órgãos regulamentadores esportivos (MILISTETD *et al.*, 2017; SAWIUK; TAYLOR; GROOM, 2018) e seu currículo pode variar de acordo com as características sociais e organizacionais do esporte local. Esses programas podem ser originários de órgãos nacionais para atender ao desenvolvimento esportivo do país ou, ainda, podem ser promovidos por (con)federações que almejam contribuir com o aperfeiçoamento da modalidade sob sua gestão, empregando suas próprias estratégias na elaboração das diretrizes (SAWIUK; TAYLOR; GROOM, 2018) com vistas à formação de treinadores e jogadores.

No handebol, a *European Handball Federation* (EHF) coordena as diretrizes e a certificação na esfera da formação de treinadores de handebol naquele continente. De modo geral, a EHF estabelece diferentes níveis de treinadores e se responsabiliza pela formação do mais alto nível de certificação (EHF, 2014, 2021). A regulamentação ocorre em conjunto com as federações nacionais, que pos-

suem certa liberdade para desenvolver suas certificações também com base nas formas de manifestação do handebol em seus territórios (EHF, 2014). No âmbito brasileiro, Milistetd *et al.* (2016) analisaram a estrutura dos programas oferecidos pelas Federações Esportivas Brasileiras e identificaram que, especificamente no handebol, a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) estabelecia à época apenas um nível de formação, com ações formativas pontuais, de acordo com a solicitação de cada federação estadual.

É pertinente ressaltar que em locais onde não há padronização das diretrizes formativas, ou há distanciamento entre as entidades e os treinadores, como relatado em um contexto do handebol brasileiro (MENEZES *et al.*, 2017), estes se encontram em situação de desamparo quanto às políticas de desenvolvimento profissional. Em estudo realizado com treinadores brasileiros (do Estado de São Paulo), os autores identificaram que as iniciativas promovidas pela CBHb e pela Federação Paulista de Handebol (FPHb) não correspondem às expectativas dos treinadores e pouco têm colaborado com o seu crescimento, por muitas vezes atribuindo um caráter centralizado (por ocorrer apenas em poucos locais, como em grandes centros) e elitista (por apresentar elevados custos no momento de garantir o acesso) à formação (MUSA *et al.*, 2017).

Reconhecendo a importância dos órgãos regulamentadores esportivos no processo de formação dos treinadores, bem como suas características (mencionadas anteriormente), esses apresentam um papel fundamental para o desenvolvimento da modalidade. Os estudos envolvendo treinadores de handebol revelaram interesses inerentes ao perfil de formação, a intervenção para o rendimento, e as intervenções em aspectos psicológicos, com predominância de estudos com delineamento qualitativo e pautado em entrevistas e questionários (MUSA; MENEZES, 2021). O estudo ainda mostrou uma preocupação com a aprendizagem inicial dos treinadores, especialmente em razão da diversidade de contextos nos quais o handebol se desenvolve.

Admite-se que investigar a estrutura da formação de treinadores de handebol em países com resultados expressivos em com-

petições internacionais de diferentes categorias pode revelar as principais estratégias que envolvem este processo formativo – o que se mostrou como uma importante lacuna nos estudos supramencionados – bem como identificar possíveis diretrizes que possam balizar a elaboração de um currículo de formação nacional.

Diante do contexto apresentado, foram identificadas críticas às ações de algumas instituições que estruturam o handebol no território brasileiro, e uma lacuna em estudos que investigam a formação dos treinadores da modalidade. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar as estruturas dos programas de formação de treinadores de handebol em países que alcançaram resultados expressivos no contexto internacional nos últimos anos, reconhecer suas principais características e, a partir dos achados, sugerir possíveis balizadores para um programa de formação em âmbito nacional.

Métodos

Desenho

Este estudo baseou-se nos princípios da pesquisa documental, processo em que a investigação científica se dedica à busca e à análise de documentos originais (MARCONI; LAKATOS, 2003). Considerados como fontes primárias, tais documentos ainda não passaram por nenhum processo de cunho analítico, e cabe ao pesquisador examiná-los e analisá-los por meio de técnicas apropriadas (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009), constituindo a análise por meio da temática central no estudo.

Fitzgerald (2012) apresenta como vantagens desse tipo de pesquisa o acesso a informações que podem ser difíceis de obter por meio de entrevistas, o uso de ferramentas eletrônicas para armazenar e analisar os dados e o acesso aos documentos em momentos oportunos para os pesquisadores. Em contrapartida, apresenta como desvantagens o poder de subjetividade dos documentos, a possível dificuldade de acesso, o consumo de tempo e a exigência

de uma análise metódica. A autora ainda adverte que os documentos devem ser analisados considerando o seu contexto original, aspecto este considerado como o ponto de partida neste estudo.

Caracterização da amostra

A amostra selecionada para este estudo foi baseada nos resultados esportivos obtidos pelas seleções de handebol adultas, juniores e juvenis de ambos os sexos, considerando as últimas edições das competições internacionais de maior representatividade, a saber: Campeonatos Mundiais (adulto feminino e masculino, 2019, júnior feminino e masculino, 2018 e juvenil feminino e masculino, 2018) e Jogos Olímpicos (no Rio, em 2016).

A partir do ranqueamento final das doze seleções melhor qualificadas em cada competição, foi criado um escore, assim estabelecido: a seleção campeã recebeu doze pontos, a segunda, onze e assim sucessivamente, até a décima segunda colocada, com um ponto. As seleções classificadas a partir da 12ª posição não pontuaram na escala proposta. Assim sendo, as colocações alcançadas pelas seleções foram tabuladas nas referidas competições (Figura 1).

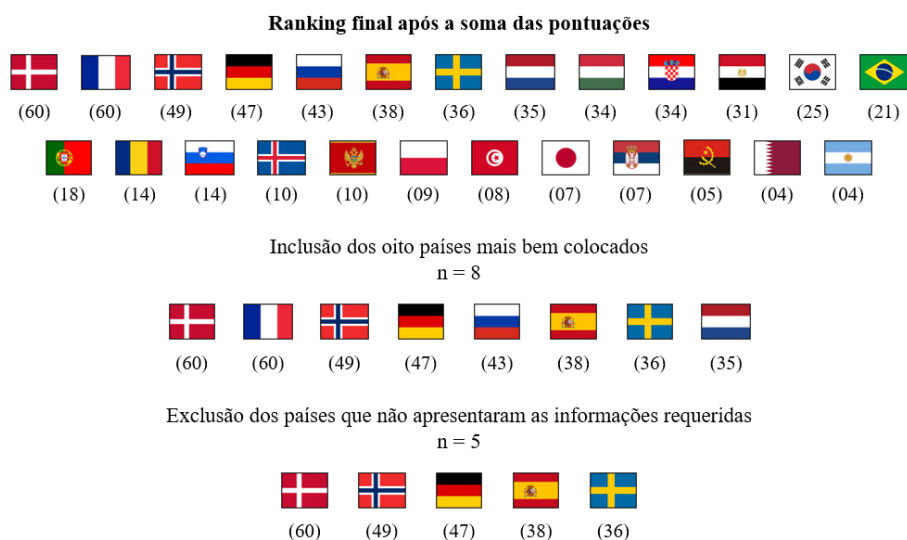
Figura 1 – Distribuição de pontos para cada seleção, em cada campeonato, com base na sua colocação final

Jogos Olímpicos 2016		Mundial Adulto 2019		Mundial Júnior 2018		Mundial Juvenil 2018	
Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
1º +12	1º +12	1º +12	1º +12	1º +12	1º +12	1º +12	1º +12
2º +11	2º +11	2º +11	2º +11	2º +11	2º +11	2º +11	2º +11
3º +10	3º +10	3º +10	3º +10	3º +10	3º +10	3º +10	3º +10
4º +09	4º +09	4º +09	4º +09	4º +09	4º +09	4º +09	4º +09
5º +08	5º +08	5º +08	5º +08	5º +08	5º +08	5º +08	5º +08
6º +07	6º +07	6º +07	6º +07	6º +07	6º +07	6º +07	6º +07
7º +06	7º +06	7º +06	7º +06	7º +06	7º +06	7º +06	7º +06
8º +05	8º +05	8º +05	8º +05	8º +05	8º +05	8º +05	8º +05
9º +04	9º +04	9º +04	9º +04	9º +04	9º +04	9º +04	9º +04
10º +03	10º +03	10º +03	10º +03	10º +03	10º +03	10º +03	10º +03
11º +02	11º +02	11º +02	11º +02	11º +02	11º +02	11º +02	11º +02
12º +01	12º +01	12º +01	12º +01	12º +01	12º +01	12º +01	12º +01

Fonte: Elaborado pelos autores.

Posteriormente, o escore final das seleções considerou a soma das pontuações recebidas por cada país em cada competição. Os oito países mais bem colocados nesse somatório (*ranking* final) foram selecionados e incluídos neste estudo, destacando as nações com maior expressividade em relação aos resultados conquistados, considerando este recorte temporal. Os países que não disponibilizaram informações detalhadas sobre a estrutura formativa dos treinadores em seus respectivos *sites* ou em documentos anexados ao mesmo foram excluídos do estudo. Sendo assim, a amostra final foi constituída por cinco países (Figura 2).

Figura 2 – Etapas de seleção da amostra



Fonte: Elaborado pelos autores.

Coleta de dados

Após selecionar os países que apresentaram as informações inerentes ao processo de formação de treinadores, procedeu-se à consulta das estruturas dos respectivos programas formativos. Tal consulta consistiu em identificar, nos endereços eletrônicos oficiais das entidades reguladoras da modalidade em seus respectivos países, as características apresentadas por cada entidade em

seu respectivo processo de formação de treinador de handebol, considerando as informações contidas na própria página, ou, ainda, documentos contidos nesta que, por sua vez, poderiam estar atrelados a associações certificadas pela própria (con)federação.

Para isso, foi elaborado um instrumento norteador para a coleta dos dados a partir de discussões envolvendo os pesquisadores e utilizado para viabilizar a busca pelos aspectos centrais deste estudo. O instrumento continha as principais informações sobre o processo formativo das Confederações e Federações dos países selecionados (Quadro 1). Destaca-se que a coleta dos dados levou aproximadamente dois meses, entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021.

Quadro 1 – Instrumento norteador para a coleta de dados

1. País
2. Entidade reguladora da modalidade
3. Endereço eletrônico oficial
4. Apresenta diretrizes para a formação dos treinadores?
5. Apresenta estrutura hierárquica dividindo os treinadores em níveis?
6. Define pré-requisitos para a admissão dos candidatos?
7. Estabelece atalhos na admissão dos candidatos?

Fonte: Elaborado pelos autores.

Análise dos dados

A interpretação e análise dos dados coletados foi realizada por meio da análise temática (AT) proposta por Braun e Clarke (2006). Este método caracteriza-se pela identificação, análise e relato do significado dos padrões (temas) presentes nos dados (BRAUN; CLARKE, 2006), que possivelmente são de interesse da pesquisa (SOUZA, 2019).

A AT apresenta vantagens em sua aplicação, pois o método é relativamente rápido e fácil de ser aprendido e executado,

tornando-o acessível a pesquisadores com pouca ou nenhuma experiência em pesquisa qualitativa. Por meio desta, também é possível resumir um grande corpo de dados e oferecer seus principais destaques, bem como produzir análises qualitativas adequadas para informar o desenvolvimento de políticas (BRAUN; CLARKE, 2006; SOUZA, 2019).

O processo de AT foi realizado pelo primeiro autor do estudo, revisado e discutido junto ao segundo autor. Pelo fato de o instrumento para a coleta de dados ter sido desenvolvido especificamente para o objetivo deste estudo, poucas modificações foram necessárias ao longo do processo da AT, especialmente por se tratar de questões específicas às possibilidades dos programas. Destaca-se que as diretrizes foram encaradas com flexibilidade para atender às perguntas da pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2006). De maneira específica, as fases da AT foram: a) familiarização dos dados (busca e a leitura inicial dos documentos); b) construção dos códigos iniciais (produzidos durante as leituras com a identificação e rotulação de dados relevantes para os objetivos do estudo e discussão com o referencial teórico); c) busca por temas potenciais (partindo da identificação, agrupamento e recorrência de padrões estabelecidos pelos códigos que contêm informações sobre os dados); d) revisão dos temas (garantia de que os temas abrangiam os dados que foram agrupados); e) definição e nomeação dos temas (garantir a constituição desses com seu próprio escopo e propósito); e f) produção do relatório (descrição dos dados de acordo com a AT e argumentação com os problemas e objetivos da pesquisa). O mapa temático está apresentado na seção “Resultados” com os temas e subtemas identificados a partir das etapas descritas anteriormente.

Resultados

Por meio da análise temática, foram identificados dois temas que correspondem às diretrizes estruturais dos programas formativos: 1) características da estrutura curricular; 2) público-alvo

e pré-requisitos dos níveis de formação. A Figura 3 mostra o mapa temático elaborado a partir dos documentos analisados.

Figura 3 – Mapa temático das diretrizes estruturais para a formação dos treinadores



Fonte: Elaborado pelos autores.

O tema 1, denominado “características da estrutura curricular”, apresentou as instituições responsáveis pelo desenvolvimento dos programas e a possível existência de atalhos para grupos específicos no processo formativo, que facilitam a adesão e a progressão entre os diferentes níveis de treinadores em sua hierarquia (Quadro 2). Esses atalhos estabelecem condições para que atletas ou graduados, por exemplo, sejam inseridos nos programas em etapas mais avançadas. Destaca-se que em todos os cenários analisados as federações nacionais da modalidade estão envolvidas no processo e, em alguns casos, notou-se a colaboração das associações regionais na oferta dos cursos iniciais.



Quadro 2 – Instituições responsáveis pelo programa de formação em seu respectivo país e condições de atalho para ingresso no programa formativo

Países	Instituições	Atalho	Condições
Alemanha	Deutscher Handballbund (DHB)	Sim	Ex-jogadores
Dinamarca	Dansk Håndbold Forbund (DHF)	Sim	Ex-jogadores Treinadores de sucesso
Espanha	Real Federación Española de Balonmano (RFEBm) Escuela Nacional de Entrenadores	Sim	Ex-jogadores Graduados*
Noruega	Norges Håndballforbund (NHF)	Não Encontrado	Não Encontrado
Suécia	Svenska Handbollförbundet (SHF)	Não Encontrado	Não Encontrado

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em países como Alemanha, Dinamarca e Espanha, nota-se que após a aposentaria, os jogadores de handebol de suas ligas, com base em critérios específicos para cada uma das entidades, possuem o privilégio de saltar o nível inicial da formação. Sendo que, a entidade dinamarquesa também aponta esta garantia para grupos específicos e a entidade espanhola também concede este direito para graduados, com diploma de licenciatura e/ou bacharelado, que tenham cursado disciplina específica de handebol. Nada a este respeito foi encontrado nos materiais das entidades norueguesa e sueca (DHB, 2021; DHF, 2021; RFEBm, 2020; NHF, 2021; SHF, 2021).

O tema 2, intitulado “público-alvo e pré-requisitos dos níveis de formação”, revelou a formação pautada em níveis de treinadores com pré-requisitos específicos para o ingresso do candidato. Os currículos se orientam por diferentes contextos, sem a obrigatoriedade de os programas seguirem rigorosamente apenas um sentido, e mostraram três possibilidades: a) contexto competitivo (atua em equipes com viés competitivo ou não); b) nível de performance (iniciação, formação ou rendimento); e c) faixa etária

dos praticantes (crianças, adolescentes ou adultos). O Quadro 3 apresenta as principais características dos níveis de treinadores de cada contexto.

Quadro 3 – Níveis/Licenças de treinadores apresentados por cada país

Países	Níveis/Licenças
Alemanha	Licença A: treinadores, auxiliares e supervisores do handebol na infância (6 a 12 anos); treinadores de equipes de adolescentes sem viés competitivo; treinadores de equipes adultas sem viés competitivo Licença B: treinadores de equipes de adolescentes no âmbito competitivo; treinadores de equipes adultas no âmbito competitivo a nível regional Licença C: treinadores que atuam na transição para o handebol de elite; treinadores de equipes adultas no handebol de elite; treinadores de talentos da Federação Alemã de Handebol
Dinamarca	Treinador na infância: treinadores de crianças de 6 a 13 anos Treinador na adolescência: treinadores de adolescentes de 13 a 19 anos Treinador de jovens talentos: treinadores comprometidos com a formação e desenvolvimento dos atletas Treinador na elite: treinadores de equipes adultas na elite
Espanha	Nível 1 (Monitor): treinadores que irão trabalhar com a iniciação esportiva no handebol Nível 2 (Treinador): treinadores que trabalharão o desenvolvimento e a formação dos atletas Nível 3 (Treinador superior): treinadores que irão trabalhar no alto rendimento
Noruega	Treinador 1: treinadores que irão atuar na iniciação ao handebol Treinador 2: treinadores que irão atuar no desenvolvimento dos atletas Treinador 3: treinadores que irão atuar no desenvolvimento de atletas para o alto rendimento em competições nacionais e internacionais Treinador 4: treinadores que irão desenvolver os atletas já no alto desempenho
Suécia	Treinador na infância: treinadores/pais que atuarão na prática do handebol infantil Treinador na adolescência: treinadores que atuarão na formação de atletas na adolescência Treinador na elite: treinadores que atuarão em equipes de alto rendimento

Fonte: Elaborado pelos autores.

Apesar da especificidade dos programas, as estruturas adotadas pelas instituições analisadas se assemelham à proposta da EHF estabelecida durante a convenção de *Rinck*, em 2010. Nessa convenção, foram designadas quatro certificações para os treinadores de handebol, sendo os três primeiros níveis possíveis de serem alcançados pelas federações nacionais e o último nível, denominado *Master Coach*, restrito à EHF (EHF, 2014).

Discussão

O objetivo deste estudo foi identificar e analisar estruturas dos programas de formação de treinadores de handebol em países que alcançaram resultados expressivos no contexto internacional nos últimos anos, bem como reconhecer suas principais características. As informações obtidas sobre cinco países da elite do handebol internacional apontaram a participação ativa das (con)federações nacionais neste processo. Esse achado corrobora a percepção de treinadores brasileiros medalhistas olímpicos sobre a importância destes órgãos em seu processo de formação (SOBRINHO, 2018).

Em geral, as (con)federações são responsáveis por elaborar o currículo formativo em que, majoritariamente, foi possível observar uma certa padronização e hierarquização. Os documentos analisados indicaram que os treinadores locais são desenvolvidos por meio de programas lineares, estruturados hierarquicamente, divididos em diferentes níveis, com admissão baseada em pré-requisitos e certificação após a conclusão (DHB, 2021; DHF, 2021; RFEBm, 2020; NHF, 2021; SHF, 2021).

Ao rompermos as fronteiras ocidentais, identificamos semelhanças no sistema de formação de treinadores na China, nação de grande representatividade no cenário esportivo internacional em diversas modalidades. Por meio de políticas nacionais, sua promoção do desenvolvimento dos treinadores também acompanha um programa de qualificação, nivelamento, pré-requisitos e certificação bem estabelecidos (CHEN; CHEN, 2021).

Embora essa padronização e hierarquização na construção curricular se alinhe às premissas do contexto formal de aprendizagem (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006; LEFEBVRE *et al.*, 2016; RESENDE; SEQUEIRA; SARMIENTO, 2016), não é possível afirmar, com base nos documentos analisados, quais princípios permeiam as atividades formativas propostas pelas (con)federações investigadas.

Segundo Ciampolini *et al.* (2019), os treinadores usualmente demonstram percepções negativas sobre os programas formativos. Essa visão pode ser justificada pelo fato de os programas, em geral, serem genéricos ao priorizarem conteúdos gerais e específicos da prática esportiva durante a formação em detrimento de competências profissionais e habilidades intrapessoais dos treinadores, os afastando, dessa maneira, do centro do processo de aprendizagem (LEFEBVRE *et al.*, 2016; SAWIUK; TAYLOR; GROOM, 2018).

No handebol nacional, a percepção de um grupo de treinadores do estado de São Paulo sobre o papel das entidades regulamentadoras da modalidade revela o descontentamento desse grupo com a baixa participação das entidades no processo formativo, que ocorre majoritariamente por meio de ações pontuais e isoladas (MUSA *et al.*, 2017). Tais resultados corroboram os estudos mencionados anteriormente, e revelam lacunas importantes para o balizamento de aspectos formativos de treinadores no contexto brasileiro, principalmente com vistas à descentralização das ações formativas, por meio de associações regionais.

Dessa forma, cabe aos órgãos responsáveis adotar estratégias formativas que maximizem o processo de desenvolvimento dos treinadores em longo prazo (SOBRINHO, 2018). Isso também significa investir na formulação e promoção de programas que contribuam com a intervenção do treinador e não apenas considerem o conhecimento como um aspecto a ser transmitido unilateralmente e, muitas vezes, descontextualizado da prática profissional.

Verificou-se também a estruturação dos currículos pautados em diferentes níveis de treinadores (Quadro 3), o que revelou ní-

veis de formação variáveis que os países estabelecem da maneira mais apropriada ao seu contexto. Independentemente da quantidade, nota-se o caráter vertical do processo formativo, no qual a tendência é o início por níveis básicos, que promovem a atuação dos treinadores no contexto de iniciação e/ou com crianças e jovens, enquanto os níveis mais avançados estão direcionados à preparação para atuação no alto rendimento. Essa característica vertical se estende para outros cenários nacionais de formação de treinadores, como em Portugal (RESENDE; SEQUEIRA; SARMENTO, 2016) e China (CHEN; CHEN, 2021), bem como para treinadores de modalidades específicas, como o voleibol em Portugal, Espanha, Brasil, Itália e França e atletismo e futebol no Brasil (RESENDE *et al.*, 2014; MILISTETD *et al.*, 2016). No geral, é possível observarmos diretrizes formativas que contemplam as características de diversos contextos de atuação (LEFEVBRE *et al.*, 2016).

Especificamente no handebol brasileiro, constata-se a ausência de diretrizes análogas às mencionadas anteriormente, contando com o relato de apenas um nível de treinadores estabelecido pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) (MILISTETD *et al.*, 2016). A CBHb, por sua vez, tem como premissas administrar e incentivar a prática do handebol em todo o território e prevê em seu estatuto a participação pontual em ações formativas, por meio da promoção e apoio de cursos técnicos de handebol (CBHb, 2019). Uezu (2014) apontou para o baixo nível de continuidade das propostas formativas desenvolvidas pela CBHb, atestando a ausência da entidade no desenvolvimento profissional dos treinadores brasileiros, corroborado por meio de relatos desses (MUSA *et al.*, 2017).

Quanto à participação das federações estaduais, Milistetd *et al.* (2016) destacaram que a CBHb também pode oferecer programas de formação para treinadores mediante a solicitação das federações. Dessa forma, constata-se a ausência de diretrizes para a formação contínua e estruturada em longo prazo, o que reforça a ideia de que apenas ações pontuais contribuem para o desamparo profissional dos treinadores de handebol no Brasil.

As estratégias envolvendo as federações estaduais/regionais foram observadas nos contextos alemão, dinamarquês e sueco, nos quais as entidades colaboram com a oferta da formação para os níveis iniciais de treinadores, sendo que as diretrizes são estabelecidas pelas respectivas federações nacionais (DHB, 2021; DHF, 2021; SHF, 2021). Iniciativas como esta também são percebidas no contexto chinês (CHEN; CHEN, 2021) e atuam como descentralizadoras do processo, permitindo oportunizar a adesão de um número maior de treinadores, uma vez que a centralização é vista como um fator limitante para a adesão de programas dessa natureza (MACLEAN; LORIMER, 2016).

A estrutura de formação nos países investigados ainda prevê outra forma de admissão dos candidatos que não seja pelo nível inicial, o qual consideramos “atalhos pré-definidos” com critérios específicos, que podem variar de acordo com o contexto. Em geral, esses atalhos consideram a experiência prévia como atleta da modalidade e/ou o título de Graduação na área da Educação Física como pré-requisitos. As federações alemã, dinamarquesa e espanhola apresentam diretrizes claras que manifestam a possibilidade de ingressar ao processo formativo por meio dos atalhos, sendo que em todas elas são aceitos ex-atletas da modalidade (a partir de critérios estabelecidos por cada entidade) (DHB, 2021; DHF, 2021). A RFEBm se diferencia ao permitir a admissão de graduados (licenciatura e/ou bacharel) que tenham cursado disciplinas específicas de handebol (RFEBm, 2020). Já os documentos das federações norueguesa e sueca não possuíam ou não especificaram quais as possibilidades de acesso por meio dos atalhos (NHF, 2021; SHF, 2021).

Este critério parece valorizar as experiências provenientes do contexto informal, pois segundo os próprios treinadores, as experiências vividas como atleta podem contribuir para o desenvolvimento profissional dos mesmos enquanto treinadores esportivos (RODRIGUES *et al.*, 2017; TOZETTO *et al.*, 2017; SOBRINHO, 2018). Entretanto, He, Trudel e Culver (2018) alertam a respeito do salto de etapas durante o processo de formação de ex-atletas, indi-

cando que essa prática pode colaborar com a reprodução de conteúdos experimentados durante sua carreira profissional. Assim, percebe-se um grande desafio para os programas formativos de treinadores: a equalização das experiências de candidatos que tiveram experiência esportiva profissional e aqueles que iniciam suas respectivas carreiras de treinador sem experiências prévias.

Todos os aspectos mencionados até agora mostram diretrizes que podem ser incorporadas para a organização e sistematização de um processo formativo no contexto brasileiro. Esse processo não deve ser igual ao dos países estudados, por envolver um país de dimensões continentais, com importantes variabilidades em fatores educacionais, sociais, econômicos, culturais e de estruturação esportiva. Para além desses aspectos, há ainda o requisito da formação superior em Educação Física, estabelecida por meio da Lei Federal 9696/1998 (BRASIL, 1998).

Não obstante, a partir dos achados deste estudo e das reflexões inerentes ao processo de análise dos documentos consultados, sugere-se dez elementos que sirvam como balizadores para o estabelecimento de um programa de formação amplo e estruturado:

1. Criar uma base de dados com as informações dos treinadores de todo o território nacional (quem são, onde atuam, quais funções exercem, onde residem, quais certificações possuem, etc.);
2. Estudar a elaboração ou possíveis melhorias de um departamento na CBHb e nas Federações estaduais de capacitação que se responsabilizem pela qualificação dos formadores, alinhadas aos valores das entidades;
3. Ampliação da parceria entre CBHb, Federações estaduais e Associações/Ligas regionais que possibilite, por meio dessas, promover atividades descentralizadas e oportunizar a participação do maior número possível de treinadores;
4. Elaborar metas, objetivos e resultados a serem alcançados com o programa de formação;

5. Estabelecer as etapas do processo formativo e verificar se haverá atalhos (como apresentado por outras confederações) para o caso de ex-atletas e treinadores com passagens pelas seleções nacionais, por exemplo. A sugestão para ex-atletas, por exemplo, é de que não haja salto de uma etapa a outra, mas que haja o cumprimento parcial das etapas com base no seu conteúdo programático;
6. Durante a elaboração dos currículos formativos, a entidade deve considerar os diversos cenários de desenvolvimento do handebol no território nacional (iniciação, formação, rendimento, lazer, universitário...) e estabelecer diferentes níveis de treinadores (a partir das etapas do currículo formativo), de acordo com cada contexto;
7. Sugere-se que o programa de formação atenda às especificidades de cada cenário, para além do caráter de formação generalista, muitas vezes explorado durante a graduação dos treinadores;
8. As práticas desenvolvidas durante a formação devem considerar os treinadores como centro do processo de aprendizagem e aproximar ao máximo dos dilemas vivenciados no cotidiano profissional, com vistas à estimular a interação entre os participantes e promover reflexões a respeito de suas intervenções práticas;
9. Definir e implementar estratégias para o envolvimento dos treinadores na aprendizagem continuada mesmo após a formação, cuja participação seja considerada como um fator para o cumprimento parcial dos requisitos de outras etapas. Dentre as possíveis ações, mencionamos as capacitações de curto e médio prazo oferecidas por diferentes entidades (como Universidades, Federações, Associações e Ligas);
10. Adotar estratégias que possibilitem a formação continuada não apenas dos treinadores, mas dos gestores envolvidos com projetos que massificam e desenvolvem o handebol no contexto brasileiro.

Com base em uma reflexão a partir dos achados, destaca-se que, para além de uma proposta que tenha diretrizes claras para

a formação, é importante que o conhecimento seja construído de maneira paulatina em torno de princípios comuns, ou de uma filosofia de desenvolvimento da modalidade em âmbito nacional. Dessa maneira, a implementação de um eixo temático abrangente é imprescindível, ao passo que a apresentação de situações inerentes aos diversos contextos nos quais o handebol pode se desenvolver tende a ampliar o diálogo com treinadores e potencializar o processo de formação de jogadores.

Considerações finais

Este estudo concluiu que as entidades investigadas apresentaram uma participação sistemática no desenvolvimento dos treinadores locais, muitas vezes com ações que envolvem entidades regionais. As diretrizes e os critérios identificados aclararam o processo formativo dos treinadores e indicam a existência de uma identidade cultural esportiva, bem como estimula o desenvolvimento da modalidade em seu contexto.

Ao voltarmos o olhar para o handebol brasileiro, notamos a ausência de uma sistematização das ações formativas promovidas, evidenciando o distanciamento entre os órgãos reguladores e seus demais protagonistas (como os treinadores e, por consequência, os jogadores). Portanto, compreendendo o papel fundamental das entidades no processo de desenvolvimento da modalidade, sugere-se que a Confederação Brasileira de Handebol, no âmbito de suas atribuições e responsabilidades, assuma um protagonismo maior em relação ao processo formativo dos treinadores.

Este estudo apresentou limitações quanto aos documentos analisados, haja vista que cada entidade apresenta as informações à sua maneira, nem sempre totalmente explícitas e que estão repletas de subjetividades. Em geral, apesar de ter sido possível identificar e indicar a estrutura do processo de formação, a falta de informação contida em alguns documentos não permitiu detalhar todos os programas de maneira específica.

Entende-se que este estudo pode contribuir para o desenvolvimento da temática no contexto nacional, sem qualquer pretensão de encerrar a discussão ora apresentada. Entretanto, há lacunas que ainda necessitam ser preenchidas por mais estudos que investiguem os processos formativos de treinadores. As discussões sobre o tema podem levantar novas prerrogativas para a elaboração, sistematização e desenvolvimento de um currículo de formação nacional, como a realização de entrevistas com gestores das entidades consideradas referências nos diferentes contextos.

Referências bibliográficas

ANTUNES, H.; SOARES, J.; RODRIGUES, J. A avaliação do desempenho do treinador. *In*: RODRIGUES, J.; SEQUEIRA, P. **Contributos para a formação de treinadores de sucesso**. Lisboa: Visão e Contextos, 2017. p. 221-253.

BRASIL. Lei nº 9.696, de 1 de setembro de 1998. Regulamentação da Profissão de Educação Física e criação do Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Diário Oficial da União**: seção: 01, Brasília, DF, [s. a.], n. 168, p. 1, 1998.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CALLARY, B. *et al.* Uma visão geral de sete programas nacionais de formação de treinadores de alto desempenho. **International Sport Coaching Journal**, Birmingham, v. 1, n. 3, p. 152-164, 2014.

CBHb – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL. **Estatuto Consolidado**. Aracajú, SE: CBHb, 2019. Disponível em: https://sge.CBHb.org.br/_uploads/orgaoAnexo/1tP7d4LW_iEN9RT32dF-w9LaRIRzihTtEO.pdf. Acesso em: 12 jul. 2021.

CHEN, X.; CHEN, S. Sports Coaching Development in China: the system, challenges and opportunities. **Sports Coaching Review**, London, v. 11, n. 3, p. 276-297, 2021.

CIAMPOLINI, V. *et al.* Teaching strategies adopted in coach education programs: analysis of publications from 2009 to 2015. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 30, n. 1, p. 14, 2019.

DHB – DEUTSCHER HANDBALLBUND.

Rahmentrainingskonzeption. [S. l.], c2021. Disponível em: <https://www.dhb-trainercenter.de/dhb-rahmentrainingskonzeption/?L=0>. Acesso em: 3 jun. 2021.

DHF – DANSK HÅNDBOLD FORBUND. **Uddannelse.** [S. l.], c2021. Disponível em: <https://www.dhf.dk/foreninger-og-uddannelse/uddannelse>. Acesso em: 4 jun. 2021.

EHF – EUROPEAN HANDBALL FEDERATION. **EHF coaching license: A tribute to the next generation. Implementation manual 2014/15.** Vienna, c2014. Disponível em: <http://activities.eurohandball.com/ehfcan/18806>. Acesso em: 20 jan. 2022.

EHF – EUROPEAN HANDBALL FEDERATION. **EHF Activities. 2021 EHF “RINCK” Convention Seminar.** [S. l.], c2021. Disponível em: <http://activities.eurohandball.com/ehfcan/47705>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FITZGERALD, T. Documents and documentary analysis. *In*: BRIGGS, A. R. J.; COLEMAN, M.; MORRISON, M. **Research methods in educational leadership & management.** Londres: Sage, 2012, p. 296-308.

GALATTI, L. R. *et al.* Excellence in Women Basketball: Sport Career Development of World Champions and Olympic Medalists Brazilian Athletes. **Revista de psicología del deporte**, Barcelona, v. 28, n. 3, p. 17-23, 2019.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. *In*: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos.** 3ed. Porto: Universidade do Porto; Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1998. p. 11-26.

HE, C.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Actual and ideal sources of coaching knowledge of elite Chinese coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Queensland, v. 13, n. 4, p. 496-507, 2018.

Ji, X. *et al.* A Chinese perspective on the actual and preferred sources of coaching knowledge. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Queensland, v. 16, n. 5, p. 1086-1096, 2021.

LEFEBVRE, J. *et al.* Describing and classifying coach development programmes: A synthesis of empirical research and applied practice. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Queensland, v. 11, n. 6, p. 887-899, 2016.

MACLEAN, J; LORIMER, R. Are coach education programmes the most effective method for coach development? **International Journal of Coaching Science**, Leeds, v. 10, n. 2, p. 71-88, 2016.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARQUES, R. F. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatório del deporte**, Chile, v. 1, n. 1, p. 147-185, 2015.

MENEZES, R. P. *et al.* Influence of Normative Institutions of Handball For coaches' learning: Standpoint of Sao Paulo State coaches. E-Balonmano.com: **Revista de Ciencias del Deporte**, Cáceres, v. 13, n. 3, p. 183-190, 2017.

MILISTETD, M. **A aprendizagem profissional de treinadores esportivos**: análise das estratégias de formação inicial em Educação Física. 2015. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MILISTETD, M. *et al.* Coaches' development in Brazil: Structure of sports organizational programmes. **Sports Coaching Review**, London, v. 5, n. 2, p. 138-152, 2016.

MILISTETD, M. *et al.* Formação de treinadores esportivos: Orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **Journal of Physical Education**, Maringá, v. 28, n. 1, p. 1-14, 2017.

MILISTETD, M. Presente e futuro da pesquisa e da prática no desenvolvimento de treinadores esportivos: uma conversa com o professor Pierre Trudel. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 25, n. 1, p. 218-230, 2021.

MUSA, V. S. *et al.* Representações dos treinadores sobre o papel das instituições reguladoras do handebol para a sua formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 17, n. S1A, p. 298-306, 2017.

MUSA, V. S.; MENEZES, R. P. Panorama científico de intervenciones y formación profesional de entrenadores: una revisión sistemática. **SPORT TK-Revista EuroAmericana de Ciencias del Deporte**, Murcia, v. 10, n. 1, p. 67-77, 2021.

NASH, C.; SPROULE, J. Career development of expert coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Queensland, v. 4, n. 1, p. 121-138, 2009.

NELSON, L.; CUSHLON, C.; POTRAC, P. Formal, nonformal and informal coach learning: A holistic conceptualization. **International Journal of Sports Science & Coaching**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006.

NHF – NORGES HÅNDBALLFORBUND. **Utdanning**. [S. l.], c2021. Disponível em: <https://www.handball.no/regioner/nhf-sentralt/utvikling/utdanning>. Acesso em: 8 jun. 2021.

RESENDE, R. *et al.* Coach education in volleyball: a study in five countries. **Journal of Physical Education & Sport**, Pitesti, v. 14, n. 4, p. 475-484, 2014.

RESENDE, R.; SEQUEIRA, P.; SARMENTO, Hugo. Coaching and coach education in Portugal. **International Sport Coaching Journal**, Birmingham, v. 3, n. 2, p. 178-183, 2016.

RFEBM – REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE BALONMANO. **Normativa Acadêmica de las Titulaciones Federativas**. [S. /], c2020. Disponível em: <https://www.rfebm.com/biblioteca?filtro=239>. Acesso em: 10 jun. 2021.

RODRIGUES, H. A. *et al.* As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 100-118, 2017.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. /], v. 1, n. 1, p. 01-15, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 1 mar. 2023.

SAWIUK, R.; TAYLOR, W.; GROOM, R. Exploring formalized elite coach mentoring programmes in the UK: 'We've had to play the game'. **Sport, Education and Society**, Milton Park, v. 23, n. 6, p. 619-631, 2018.

SOBRINHO, A. E. P. S. **Identificação das Vias de Desenvolvimento Profissional de Treinadores Brasileiros Medalhistas Olímpicos**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SHF – SVENSKA HANDBOLLFÖRBUNDET. **Handbollsakademin SHF's Utbildningsportal**. [S. /], c2021. Disponível em: <https://utbildning.sisuidrottsbocker.se/handboll/tranare>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos brasileiros de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019.

TOZETTO, A. V. B. *et al.* Football coaches' development in Brazil: a focus on the content of learning. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 23, n. 3, e.101712, 2017.

UEZU, R. **Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional.** 2014. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.